TELA INDÍGENA

Imagens e mensagens para cidade: cinema indígena durante a pandemia

ANA LETÍCIA SCHWEIG
EDUARDO SCHAAN
GEÓRGIA DE MACEDO GARCIA
MARCUS WITTMANN

OUVINDO PENSADORES indígenas em eventos ou nas próprias aldeias, comenta-se sobre como os não indígenas têm uma ansiedade, seja em falar, em produzir, em resolver problemas e, ao mesmo tempo, como isso frequentemente se combina com uma não mudança, como se fosse uma pressa de permanecer no mesmo lugar. No início da pandemia, também tivemos essa ansiedade, e pensamos em seguir com uma Mostra on-line, já que divulgar o cinema indígena por esse meio foi nosso motivo de fundação e é o próprio nome do grupo, Tela Indígena. Mas ela teria a miríade de pessoas, etnias, cheiros, comidas e a arte que uma mostra física possibilita? Era realmente necessário insistir em realizar uma mostra, em um momento em que todos se voltavam para um formato on-line. Pensamos que, às vezes, não é preciso produzir nada e, em outras vezes, precisamos mudar de foco. Em um momento de pandemia, o foco era nossa base e nossa estrutura: poder viver, compartilhar, ter uma estrutura fixa na qual se agarrar. Por isso investimos em projetos, como a aquisição de equipamentos para cineastas indígenas para que pudessem realizar seus filmes com maior qualidade técnica. Buscando fortalecer o cinema Mbyá Guarani nesse período

FIGURA 1
Fotografia: Renata Hilal

onde os encontros presenciais deveriam ser evitados, conversamos com Vhera Xunu, da Tekoa Pindó Mirim, Pará Reté, da Tekoa Jatai'ty, Gerson Gomes, da Tekoa Takua Hovy, Patrícia Ferreira, Ariel Ortega e Aldo Ferreira, da Tekoa Ko'enju. Junto a eles, aconteceu o projeto *Mborayvu, imagens e mensagens indígenas para a cidade*, financiado com recursos da Lei Aldir Blanc. Mborayvu, palavra cujo significado é amor e generosidade, orientou a vontade de compartilhar e a criação artística. Os cineastas criaram mensagens visuais destinadas às pessoas que moram em Porto Alegre/RS. Compartilharam seu dia a dia, sua luta, suas pinturas. O processo, mesmo atravessado pelas dificuldades que a comunicação on-line impõe, resultou na produção de quatro curta-metragens que foram projetados em dez lugares da cidade de Porto Alegre durante quatro dias. Nas palavras de Ariel Ortega: "o ser humano começou a se desligar muito da boa convivência com a natureza e com a terra principalmente, e através das imagens a gente quer passar um pouco isso pras pessoas que estão fechadas nos seus apartamentos, nas suas casas na cidade, que é uma realidade totalmente diferente". Como disse Patrícia Ferreira, durante esses quatro dias, "os prédios da cidade ficaram mais alegres".

FIGURA 2
Fotografia: Projetores pela Cultura
Filme do Coletivo Mbyá de Cinema
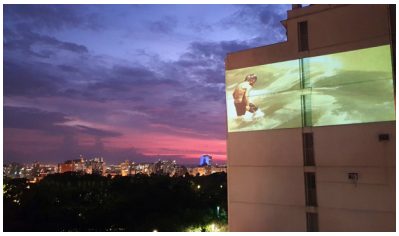
FIGURA 3
Fotografia: Pará Reté